

Tenacidade contra a ganância

No combate à inflação crônica, nenhuma arma é tão necessária e indispensável quanto a tenacidade. A hora de demonstrar essa perseverança, no Brasil, chegou com a divulgação da variação média, no mês de julho, do Índice Geral de Preços de Mercado, o IGP-M, pela Fundação Getúlio Vargas.

O número anunciado — 13,22% — surpreendeu o mercado financeiro e realimentou as piores expectativas em relação aos próximos meses, ensejando apreensões e o retorno a práticas inteiramente incompatíveis com a estabilidade desejada para a economia do País.

Trata-se, portanto, de um momento especialmente delicado, em que cada um dos cidadãos e agentes econômicos tem a obrigação de refletir profundamente sobre a sua atitude para evitar que a ganância, de curto prazo, acabe contrariando os seus próprios interesses, de longo prazo.

Antes de tomar qualquer decisão capaz de contribuir para a exacerbação do processo inflacionário é preciso analisar o verdadeiro significado do IGP-M de julho. A relevância desse índice foi subitamente aumentada por um fator que nada tem a ver com preços e sim com o es-

casso senso de responsabilidade dos funcionários do IBGE, que procuram defender seus interesses corporativos por meio de uma greve nitidamente selvagem, uma verdadeira extorsão cometida contra a nação brasileira.

Não é possível que os cidadãos trabalhadores e decentes deste país venham a sucumbir diante de uma minoria, leviana e atrevida, que ameaça: ou me dão o que quero ou eu os deixo sem parâmetros e referências e os condeno a mergulhar novamente no túnel da hiperinflação.

É preciso também levar em conta os resultados que já vinham sendo obtidos na dura batalha pela estabilidade e os enormes sacrifícios que esta tem custado ao Brasil.

Desde o passado mês de maio, o processo de descongelamento vinha sendo conduzido de forma hábil, porém segura, de tal maneira que, neste momento, apenas um reduzido número de produtos continua tendo seus preços controlados.

O principal efeito desse relativo sucesso foi premiar as empresas que se esforçaram em conter seus preços e punir os que buscaram a fácil e enganosa solução das majorações abusivas.

Agora, justamente quando começa a consolidar-se entre nós esse espírito, imprescindível ao sucesso de qualquer política anti-inflacionária, não se pode permitir que tudo desabe, sob um novo vendaval de apostas na alta da inflação.

Urge, portanto, criar uma barreira de resistência a essa devastação. O povo brasileiro já foi sobremodo sacrificado, as empresas e os seus dirigentes já estão exaustos, os trabalhadores já não suportam mais esse constante vai-e-vem de preços, essa insegurança permanente e a impossibilidade prática de planejar o dia de amanhã.

Em uma sociedade aberta, como a que se deseja manter e consolidar em nosso país, os resultados coletivos só são alcançados pela

soma das vontades individuais. De nada adianta criticar o governo pela manhã e colaborar com a inflação à tarde, na esperança de obter com isso alguma vantagem. Esta pode até materializar-se de forma imediata, mas estará armando mais adiante a trágica armadilha da estagnação econômica, da desorganização social, da condenação ao subdesenvolvimento.

Existe, como sempre, um diminuto número de especuladores e aventureiros, ávidos em saquear a economia e apoderar-se do bôtim que se origina do vandalismo inflacionário. É necessário impedir que, mais uma vez, essa estratégia triunfe, em prejuízo da maioria.

É claro que a informação contida na taxa de 13,22% para o IGP-M de julho não é uma boa notícia. Nenhum administrador responsável poderá simplesmente ignorá-la. Convém, no entanto, examinar atentamente o horizonte e ponderar todos os grandes riscos decorrentes de uma nova escalada de preços — depois de tantas experiências e planos malogrados — antes de aderir, de forma inconsciente, à corrente que leva inexoravelmente ao descontrole.